Lisboa 1986

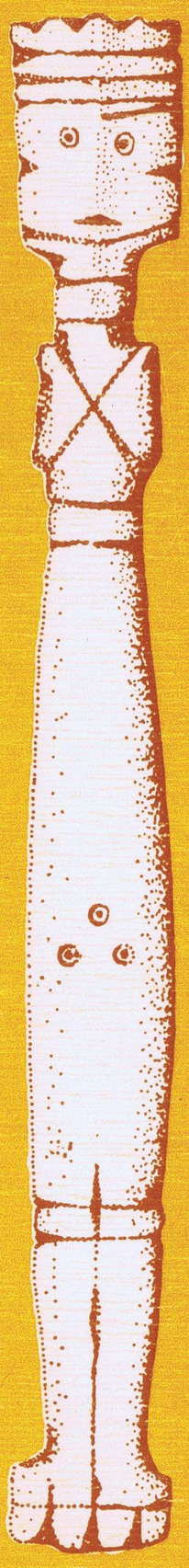
Departamento de Arqueologia / Serviços Regionais de Arqueologia

TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA

03

I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana

(Setúbal 1985)



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Ministério da Educação e Cultura
Secretaria de Estado da Cultura
Instituto Português do Património Cultural

Cerâmicas Estampilhadas Muçulmanas e Mudéjares do Poço-Cisterna de Silves

Rosa Varela Gomes
Mário Varela Gomes

Na sequência do trabalho apresentado ao 3º Congresso sobre o Algarve, retomamos o estudo do espólio recolhido no poço-cisterna de Silves. Damos agora a conhecer um conjunto de cerâmicas estampilhadas que, a partir da análise formal e dos paralelos com peças encontradas tanto na Península como no Oriente, podem ser datadas do século XII ao século XIV.

As estampilhas, aplicadas sobre as superfícies de grandes jarras, de talhas, ou dos seus suportes, de queimadores e de taças, por vezes esmaltadas, mostram motivos geométricos, fitomórficos, antropomórficos, zoomórficos, epigráficos e arquitectónicos.

Fig. 1
Poço-cisterna de Silves.
Aspecto durante
a escavação (RI/80-3)

1. ANTECEDENTES

Em 1984 apresentámos, ao 3º Congresso sobre o Algarve, um conjunto de cerâmicas importadas, dos séculos XV e XVI, encontrado nos entulhos que enchiam, por completo, o poço-cisterna situado na Rua das Portas de Loulé, em Silves.

Descoberto nos finais de 1979, o poço-cisterna muçulmano fica adossado à muralha que cerca o tecido urbano da cidade medieval, bem perto da denominada "porta da almedina". É uma notável obra, possivelmente do séc. XII, construída com aparelho cuidado e regular, de arenito vermelho de Silves, constituída por um grande poço (medindo 2,45m de diâmetro e mais de 16m de profundidade) rodeado por uma escadaria (com 1,20m de largura e 2,20m de altura) coberta por abóbadas de tramos segmentados, de perfil semicircular, que dá acesso quase até ao fundo. Três janelas, também com abóbadas de perfil semicircular, fazem a ligação entre a escadaria e o poço. Toda a estrutura parece ter sido rebocada apresentando, em alguns locais, restos de estuque de cor branca **(figs. 1-6)**. Sucessivas campanhas de escavações têm posto a descoberto este monumento, entulhado nos finais do séc. XVI. Durante esses trabalhos,ainda não concluídos e em que também colaboraram C. de Mello Beirão e J. Luís de Matos, recolheu-se um notável espólio (objectos de cerâmica, vidro, osso, ferro, bronze, pedra, restos de fauna, etc.) que é importante testemunho para a reconstituição da vida quotidiana dos portugueses, nos sécs. XV e XVI, sendo não só uma prova das suas intensas relações comerciais como as primeiras peças, daquela época, descobertas no nosso país em claro contexto arqueológico. Uma enorme e variada colecção de cerâmica, onde encontramos exemplares recuados do período muçulmano, é, talvez, a mais completa que conhecemos até ao momento. Foram exumados milhares de fragmentos e boas dezenas de peças reconstituíveis, algumas já restauradas e expostas no Museu de Silves, pertencendo em maior número a cerâmica de uso comum, de barro vermelho, por vezes com vidrados castanhos ou melados de óxido de ferro, de tradição muçulmana e certamente de fabricação local. Aliás, dois oleiros, um cristão e outro mouro, assim como um forno de cozer barro, situado fora da medina, são referidos no "Livro do Almoxarifado de Silves", do reinado de Afonso V (pp. 17 e 34). Outras peças, ali descobertas, parecem provir de

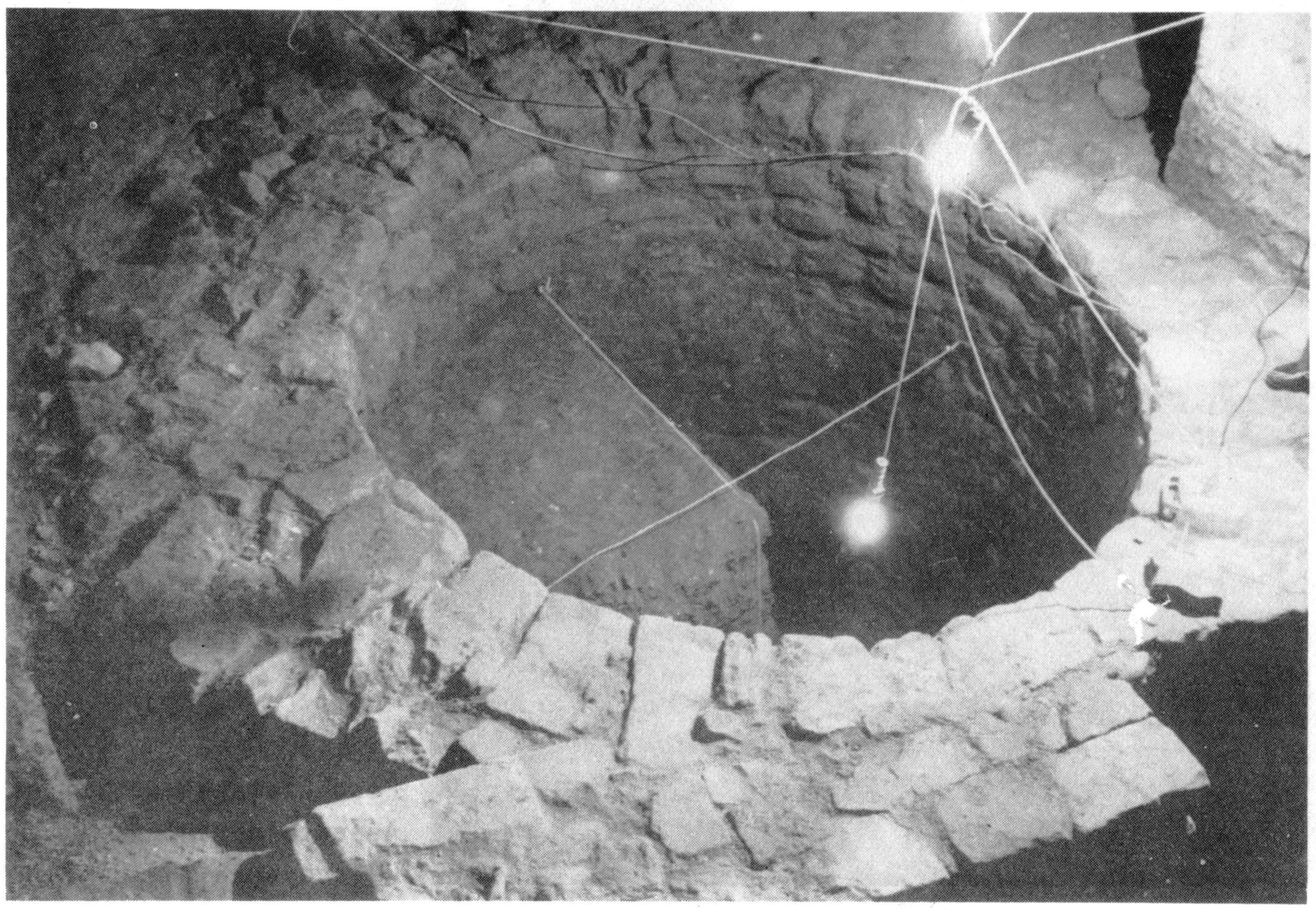


Fig. 2
Poço-cisterna de Silves.
Aspecto durante
a escavação (RI/80-17)

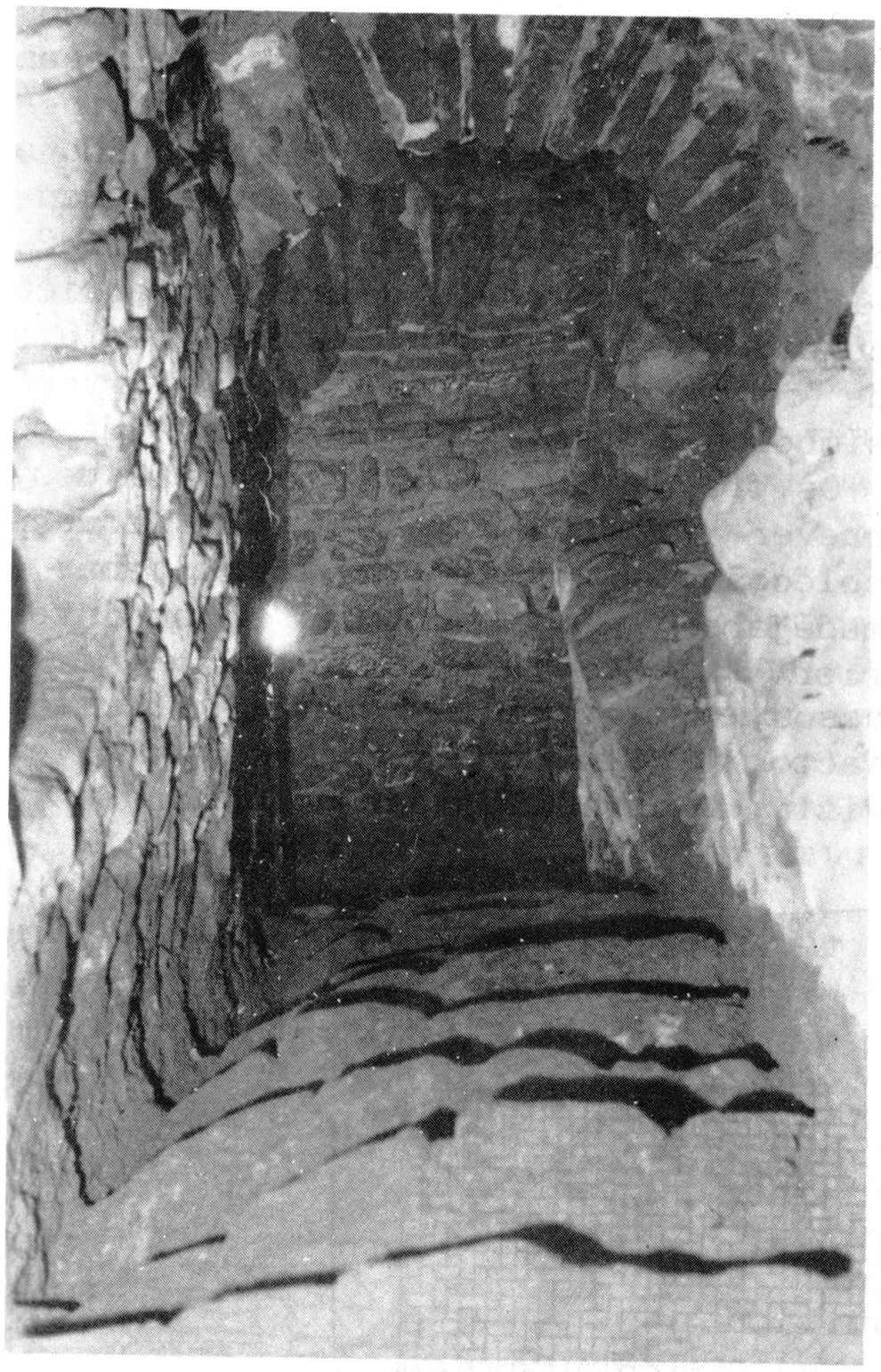


Fig. 3 - Poço cisterna de Silves.
Aspecto da galeria envolvente
(RX/79-30)

oficinas portuguesas, tais como centenas de escudelas e de pratos esmaltados a branco, com óxido de estanho, e alguns, mais raros, com grandes manchas e escorridos de cor verde forte de óxido de cobre.

Um núcleo de cerâmicas, de barro vermelho com pastas muito depuradas, essencialmente constituído por púcaros e cantarinhas, com as superfícies bem alisadas, decoradas com motivos geométricos brunidos, por vezes combinados com outros incisos e acompanhados de aplicações de pedrinhas de quartzo brancas e até de pequenos fragmentos de vidros coloridos, pertencem às célebres oficinas alto-alentejanas (Estremoz e talvez à de Montemor-o--Novo e Nisa).

As cerâmicas importadas (faianças e porcelanas) são bem mais requintadas e encontram-se em menor quantidade; conhecem-se várias proveniências, desde as das vizinhas oficinas valencianas, de Paterna e Manises, às raras e apreciadas majólicas italianas e holandesas, até às preciosas porcelanas chinesas.

Os exemplares recolhidos de cerâmicas valencianas (sécs. XIV-XVI) caracterizam-se pelo uso da técnica decorativa dos "reflexos metálicos", por vezes combinados com motivos de cor azul de cobalto, ou associando o azul ao castanho violáceo ou **"morado"**, preenchendo extensivamente o interior das peças com elementos fitomórficos e geométricos (alguns ainda inspirados em formas que observamos no reportório das cerâmicas muçulmanas, persas e egípcias, agora continuadas pelos mudéjares valencianos). Aqueles motivos são aplicados sobre fundos, esmaltados de cor branca ou rosada, de pratos e de escudelas.

A colecção de majólicas italianas oferece peças profusamente decoradas com motivos florais, de tons azuis ou

Fig. 4 - Poço cisterna de Silves.
Aspecto das abóbodas da galeria
envolvente (RX/79-31)

policromados, que podemos atribuir às oficinas de Faenza, Deruta, Castel Durante e Veneza, dos séculos XV e XVI.

Um conjunto de fragmentos de majólicas holandesas, fabricadas com pastas de cor creme, de pratos e de taças com o fundo plano, por vezes com o bordo horizontal, esmaltados a branco e pintados com motivos fitomórficos e geométricos, muito estilizados, de cores vivas e brilhantes pode ser datado da segunda metade do século XVI. Uma característica particular destas produções, das oficinas norte-holandesas, é a utilização de temas geométricos esgrafitados, abertos sobre barras largas de cor azul.

Cerca de três dezenas de pequenos fragmentos de porcelanas chinesas (pratos e taças) puderam ser classificados da dinastia Ming, pertencendo a maioria à variada família azul e branca e ao reindado de Jia Jing (1522--1566). Tratam-se de peças com fabrico cuidado, esmaltes brilhantes e pintura de cor azul violácea, decoradas com símbolos taoístas e de longevidade.

Os fragmentos que passaremos a descrever fazem parte de uma pequena colecção de cerâmicas, muçulmanas e mudéjares, recolhidas não só no interior do poço-cisterna como, em dois casos, integrando as suas estruturas; facto de grande interesse tendo em vista a atribuição cronológica deste

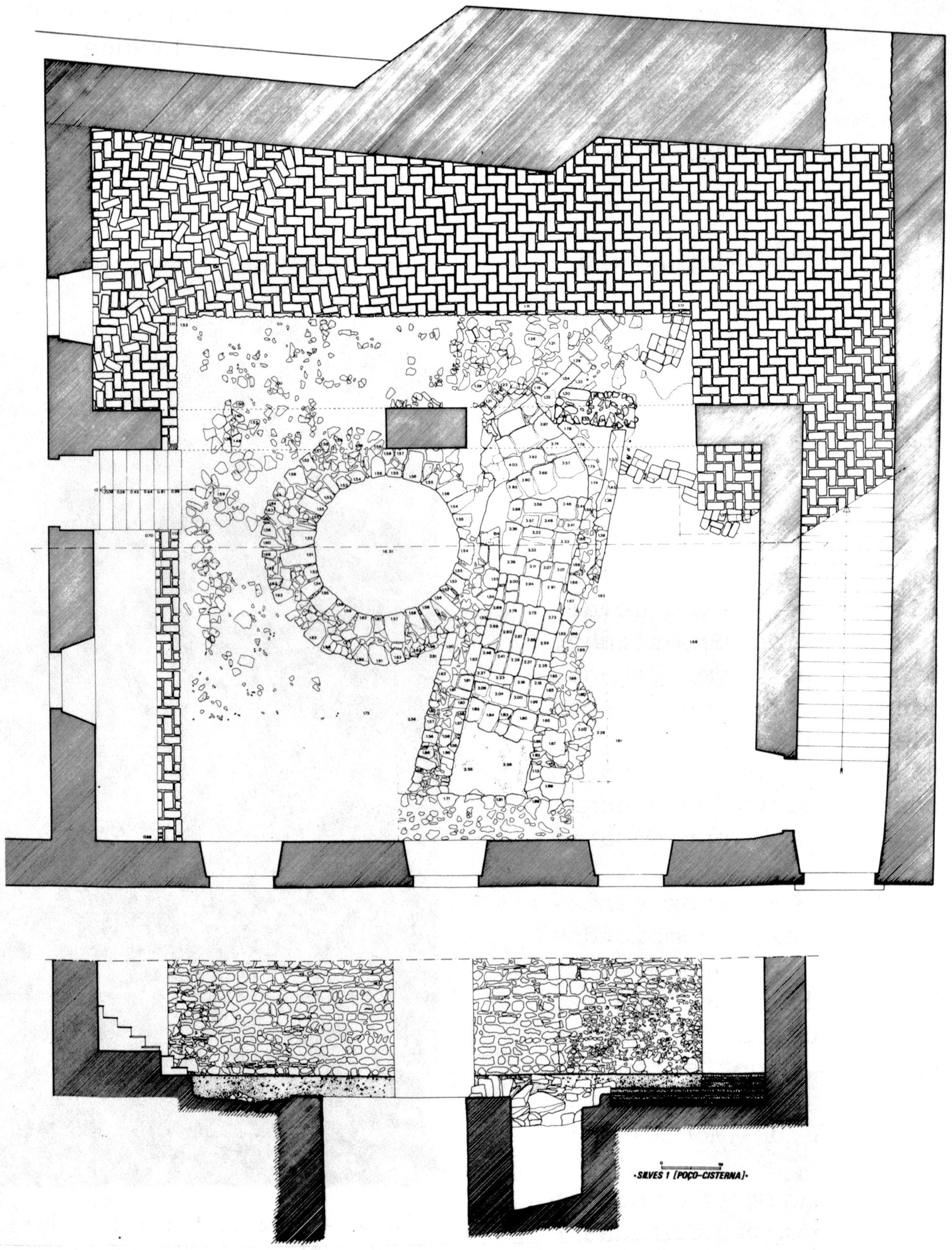


Fig. 5 - Planta e corte do poço-cisterna de Silves (Lev. Mário de Sousa)

monumento. O entulhamento desta construção pode ser datado, através dos materiais recolhidos, dos finais do século XVI não tendo, no entanto, oferecido quaisquer indícios de estratigrafia (fragmentos de uma mesma peça foram, por vezes, exumados muito afastados e a diferentes profundidades). Um real do reinado de D. Sebastião é, até ao momento, a moeda mais moderna, entre mais de uma centena de numismas maioritariamente datados no século XV e nos inícios do século XVI.

Esperamos poder estudar, em futuros trabalhos, outros núcleos de materiais com idêntica proveniência, tendo em vista não só a sua divulgação científica como a elaboração da monografia do riquíssimo espólio e da arquitectura desta notável obra almoada.

As campanhas de escavações do poço-cisterna, e o desenho do espólio ali recolhido, têm sido inteiramente subsidiadas pela Câmara Municipal de Silves (proprietária do imóvel onde se encontra o monumento) sem o patrocínio da qual não seria possível elaborar esta comunicação. Neste sentido, cabe-nos publicamente agradecer ao então Presidente da C.M.S., Sr. Francisco Viseu, e à vereadora do pelouro da Arqueologia, Drª Maria Soledade, não só o apoio que, conscientes da importância do estudo do passado histórico de Silves, a diferentes níveis nos ofereceram como os incentivos recebidos de modo a continuarmos este trabalho.

2. CATÁLOGO*

SILV. 1-117 (fig. 7). Fragmento da parede de uma grande vasilha,ou talha,

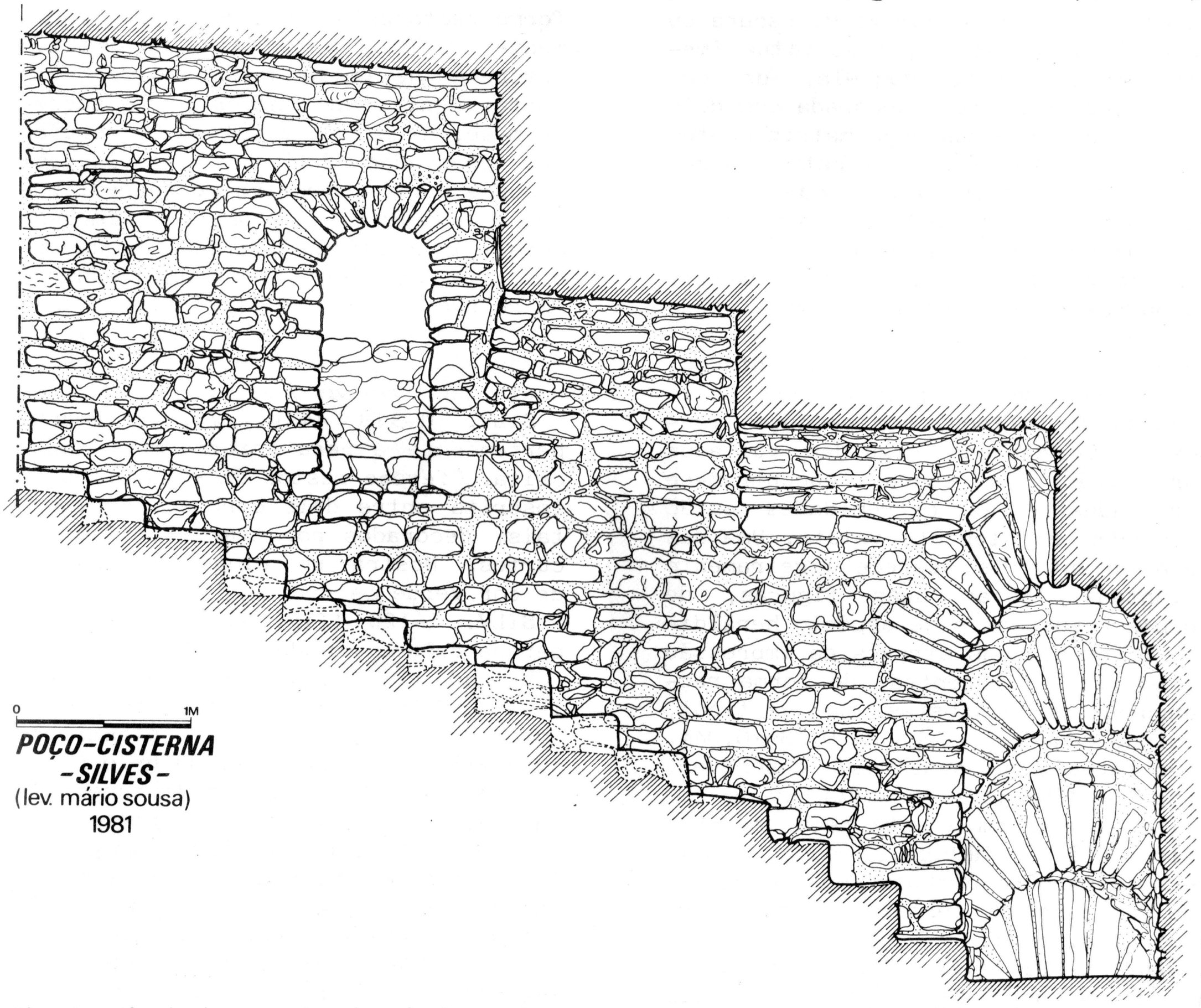


Fig. 6 - Alçado de um sector da galeria envolvente do poço-cisterna de Silves (Lev. Mário de Sousa)

fabricada com pasta de cor bege amarelada (2.5Y8/4), pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão grosseiro. Mede 0,02m de espessura máxima, sendo a superfície interna mal afagada e de cor idêntica à da pasta. A superfície externa encontra-se esmaltada de cor verde, em tons turquesa e esmeralda, e apresenta os restos de três faixas horizontais decoradas com impressões de grandes matrizes. Estas faixas estão separadas por cadeias, também horizontais, de pequenos círculos geminados e por bandas decoradas com traços curtos e oblíquos realizados com rolete. A cada uma destas bandas sobrepõe-se um profundo traço inciso, ligeiramente ondulado.

Não podemos reconhecer qual o motivo da matriz que decorou a faixa da área mais alta deste fragmento, que oferece esmalte espesso de cor verde escura ou esmeralda. A faixa que se situa imediatamente abaixo daquela, de cor verde turquesa, está decorada com dois negativos geminados cuja matriz contém uma dupla espiral. Esta matriz apresenta forma rectangular, mede aproximadamente 0,025mx0,042m, e está colocada na posição horizontal.

A faixa inferior, a mais larga, encontra-se esmaltada de cor verde esmeralda e mostra as impressões geminadas de dois zoomorfos afrontados. São as possíveis representações estilizadas de felinos, com pescoços longos e as cabeças erguidas voltadas para trás. As caudas encontram-se levantadas e as extremidades estão enroladas em elegante voluta. Uma das patas dianteiras aparece ligeiramente levantada. Estas duas figuras, de corpos volumosos e de aspecto heráldico, foram obtidas através da impressão de matrizes diferentes, de forma rectangular e dispostas na vertical, medindo cada uma cerca de 0,03mx0,04m.

Os motivos que acabámos de descrever, como as diferenças cromáticas do esmalte, conferiam a esta peça uma rara valorização plástica, pouco usual, mesmo dentro do barroquismo decorativo que apresentam certas cerâmicas do período almoada.

SILV. 1-118 (fig. 7). Fragmento da parede de uma vasilha fabricada com pasta de cor bege (2.5Y7/2), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. Mede 0,01m de espessura máxima sendo a superfície interna, de cor bege alaranjada (7.5YR8/4), bem afagada.

A superfície externa mostra, na metade inferior do fragmento, engobe de cor semelhante à da pasta (2.5Y8/2) e, na metade superior, encontra-se esmaltada de cor verde esmeralda.

Sob o esmalte da parte superior observa-se os restos de um traço ondulado inciso e, logo abaixo deste, uma faixa, com 0,015m de altura, decorada por estampilhagem. Mostra uma teoria de quadrados, com os lados em relevo, unidos pelos vértices. Por baixo desta faixa encontra-se uma outra não decorada,limitada por um cordão em relevo, coberta pelo mesmo esmalte.

Na área não esmaltada reconhece-se uma banda impressa com uma matriz de forma rectangular, medindo aproximadamente 0,03mx0,01m. As estampilhas inscrevem-se entre dois cordões horizontais, um pouco salientes, e sobrepõem-se, em parte, a estes. Os cordões são decorados por traços oblíquos, finos e curtos, possivelmente realizados com rolete. A matriz das impressões é constituída por quatro quadrados, com os lados e um ponto central em relevo, unidos pelos vértices.

Este fragmento foi recolhido na escavação do patamar de acesso à escadaria que envolve o poço.

SILV. 1-119 (fig. 7). Fragmento pertencente à peça anteriormente descrita. Oferece restos de estampilhagem inscrita entre dois cordões, horizontais, decorados por traços oblíquos e curtos. Mostra um pingo de esmalte de cor verde escura.

SILV. 1-120 (fig. 7). Fragmento da parede de uma grande vasilha, ou talha, fabricada com pasta de cor bege amarelada (2.5Y7/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a grosseiro. Mede 0,018m de espessura máxima, sendo a superfície interna bem afagada e de cor idêntica à da pasta. A superfície externa oferece esmalte espesso, de cor verde esmeralda, e, na metade inferior, restos de decoração estampilhada onde se reconhecem duas impressões, geminadas, representando arcos polilobulados.

Em virtude deste fragmento ser de dimensões reduzidas, desconhecemos a forma original da matriz utilizada na sua decoração. No entanto, estampilhas que nos parecem semelhantes não são, substancialmente, diferentes das imagens que conservamos.

SILV. 1-121 (fig. 7). Fragmento da parede de uma grande vasilha,ou talha, fabricada com pasta de cor bege amarelada (5Y8/3), pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão grosseiro. Mede 0,02m de espessura máxima sendo a superfície interna, afagada e engobada, de cor bege amarelada um pouco mais escura que da pasta (5Y8/4).

A superfície externa oferece esmalte espesso, de cor verde esmeralda, e os

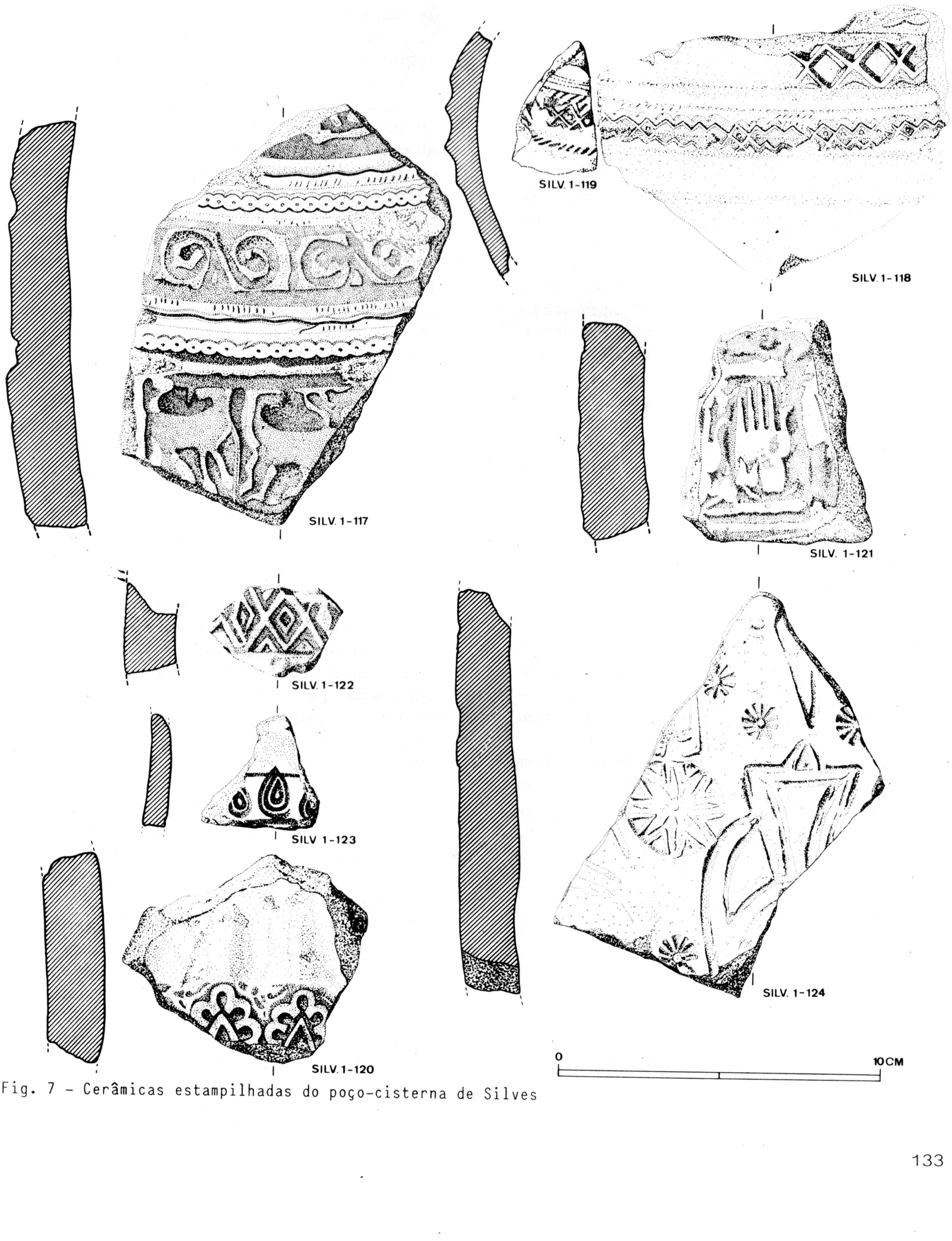


Fig. 7 - Cerâmicas estampilhadas do poço-cisterna de Silves

restos de uma faixa estampilhada inscrita numa cartela. A decoração, realizada pela impressão de uma matriz, mostra uma mão estilizada e os restos de outra colocadas, a par, na vertical. A matriz destas impressões, de forma rectangular, media, aproximadamente, 0,02mx0,04m.

A mão com os dedos estendidos, ou "mão de Fátima", é um tema bem conhecido, da simbologia decorativa muçulmana, encontrando-se representado em outras grandes vasilhas.

SILV. 1-122 (fig. 7). Fragmento da parede de uma grande vasilha,ou talha, fabricada com pasta de cor bege acinzentada (5Y8/2), pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a grosseiro. Mede 0,016m de espessura máxima, sendo a superfície interna afagada e mostrando um engobe de cor bege rosada (7.5YR8/2).

A superfície exterior apresenta esmalte espesso, de cor verde esmeralda, e restos de decoração impressa.

Reconhecem-se três losangos geminados e unidos pelos vértices, de uma faixa decorativa horizontal,realizados com uma matriz que media cerca de 0,025mx0,02m. Esta matriz oferece, ao centro, um grande losango cujos lados, em relevo, se prolongam até aos vértices do rectângulo em que se inscreve e que formam, de cada lado, dois meios losangos. O losango central contém dois outros inscritos. Cada meio losango encerra, igualmente, meios losangos representados com os lados em relevo. Nos espaços entre o losango central e os dois meios losangos laterais encontram-se inscritos pequenos triângulos em relevo.

SILV. 1-123 (fig. 7). Fragmento, com porção do fundo, de taça carenada, ou **ataifor**, fabricada com pasta de cor castanha avermelhada (5YR5/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos,feldspáticos e quartzíticos, de grão fino. Mede 0,007m de espessura máxima e tanto a superfície interna como a externa estão bem afagadas, apresentando vidrado de cor castanha melada (5YR5/6).

Na superfície interior reconhecem-se três pequenas impressões inscritas numa cartela, em forma de coroa circular, com 0,015m de largura e que marcaria o fundo da peça. As estampilhas têm forma de gota, ou de bolbo, e são constituídas por uma zona nuclear rodeada por dois traços concêntricos.

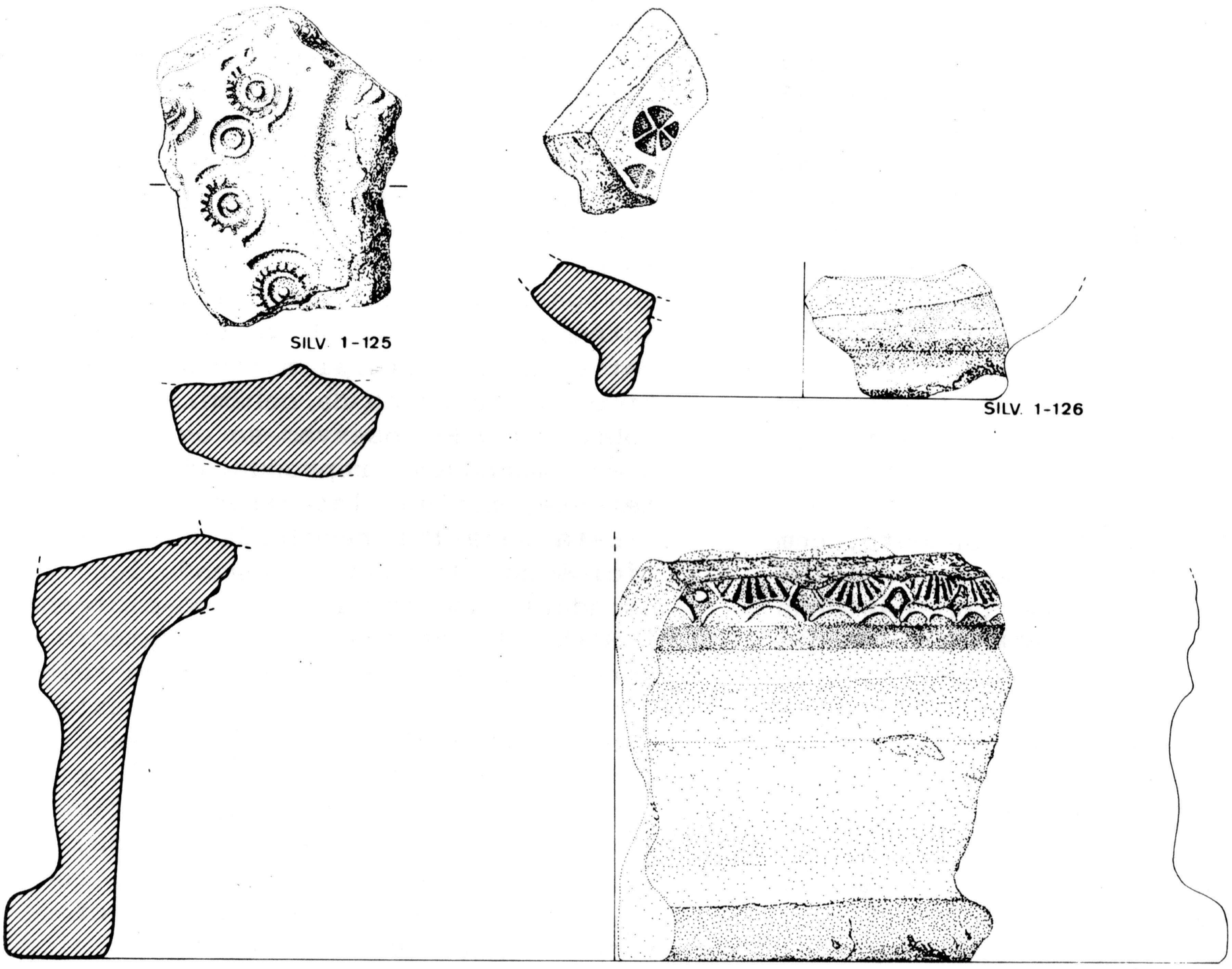
SILV. 1-124 (fig. 7). Fragmento da parede de uma grande vasilha,ou talha, fabricada com pasta de cor cinzenta (5YR6/2),pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a grosseiro. Mede 0,019m de espessura máxima, sendo a superfície interna regularizada e oferecendo engobe de cor bege alaranjado (5YR7/6). A superfície externa, melhor afagada, mostra engobe de tom mais escuro que a interna (2.5YR6/8) e numerosas impressões, aparentemente distribuídas sem ordem, de, pelo menos, quatro matrizes diferentes.

Apenas se identificam duas estampilhas completas, ambas de forma circular e oferecendo motivos florais estilizados, medindo uma 0,03m de Ø e a outra 0,012m. Uma terceira estampilha, incompleta, apresenta os restos de dois triângulos.

SILV. 1-125 (fig. 8). Fragmento da parede de uma grande vasilha,ou talha, fabricada com pasta de cor bege amarelada (2.5Y8/4), pouco homogénea, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, de grão grosseiro e exemplares, muito grossos, com 0,006m de comprimento. Mede 0,02m de espessura máxima, sendo a superfície interna mal regularizada e a externa afagada. Ambas as superfícies são de cor idêntica à da pasta e não apresentam qualquer engobe ou vidrado.

A superfície exterior encontra-se decorada por um cordão arqueado, em relevo, e por três impressões circulares completas e os restos de duas outras. A impressão maior mede 0,018m de Ø e é constituída por um semicírculo e dois círculos concêntricos. O círculo maior oferece pequenos raios. A estampilha menor mede 0,01m de Ø e apresenta apenas dois círculos concêntricos separados cerca de 0,001m.

SILV. 1-126 (fig. 8). Fragmento do fundo, com porção do pé, de uma taça ou **ataifor**, possivelmente carenada, fabricada com pasta de cor castanha clara,um pouco avermelhada (7.5YR7/6), muito homogénea e compacta contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão finíssimo. A parede mede 0,01m de espessura máxima e as



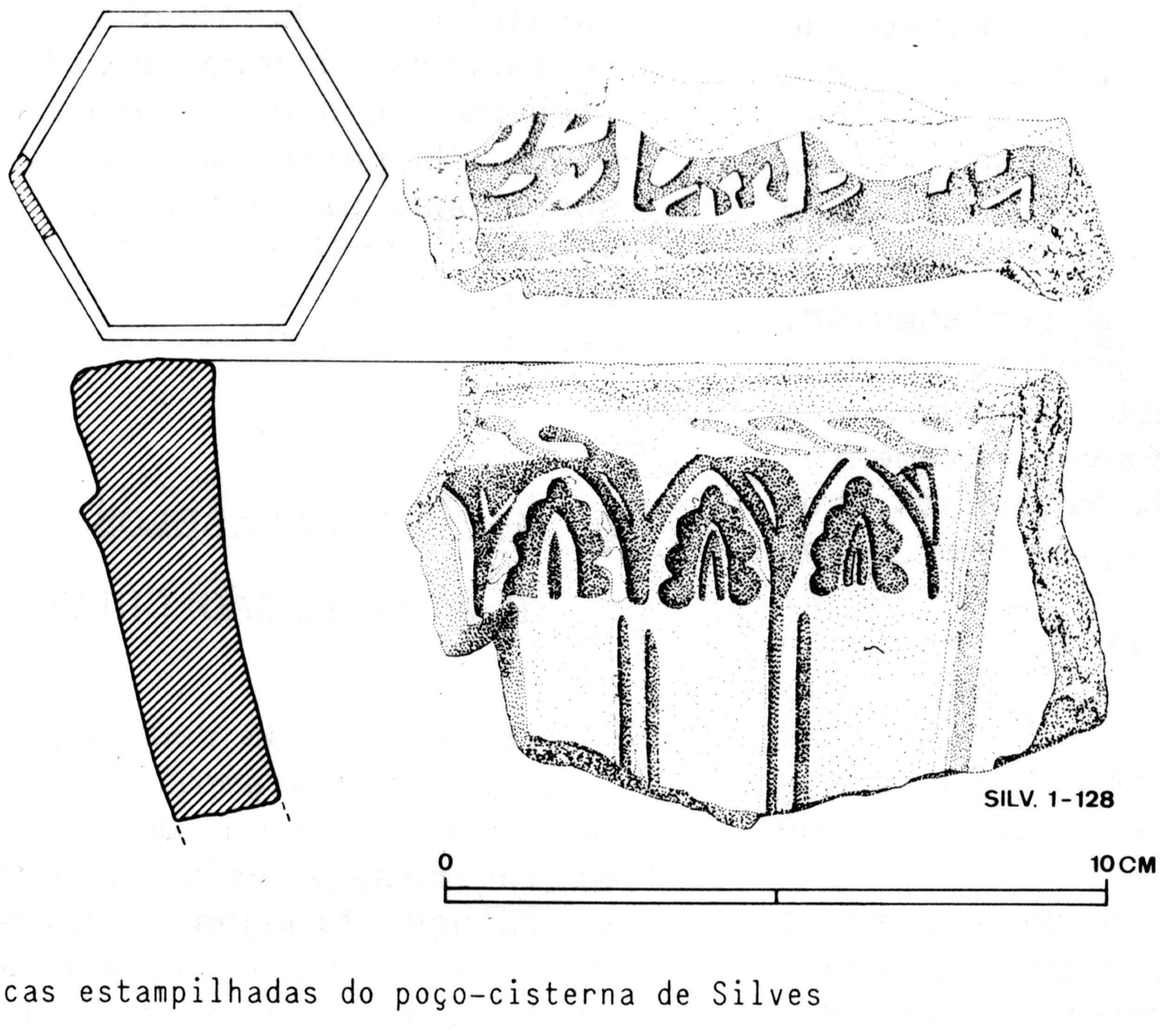


Fig. 8 - Cerâmicas estampilhadas do poço-cisterna de Silves

superfícies, bem regularizadas, oferecem esmalte de cor branca pérola (5YR8/1).

Mostra o pé em forma de anel, com 0,085m de Ø, 0,01m de altura e 0,008m de espessura. Tanto a base do pé como o seu interior não foram esmaltados, contendo apenas pequenos escorridos de óxido. Na superfície exterior uma linha, em relevo, marca o início do pé e outras duas linhas, incisas, indicam a separação entre a área interna do pé e o fundo.

Na parede interior reconhecem-se os restos de uma cartela incisa, em forma de coroa circular, que demarcava o fundo e que se encontrava decorada por pequenas impressões circulares. Estas estampilhas medem 0,012m de Ø e mostram um motivo floral, muito estilizado, representado por cinco pequenos raios em relevo.

SILV. 1-127 (fig. 8). Fragmento, com porção do pé, de um suporte de talha fabricado com pasta de cor castanha clara avermelhada (5YR6/6), pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a grosseiro. Mede 0,02 de espessura máxima e apresenta as superfícies bem regularizadas.

A área inferior do pé e a sua superfície interna oferecem engobe de cor bege amarelada (2.5Y8/4), sendo a superfície externa de cor cinzenta clara (2.5Y7/2). Mostra a base do pé extrovertida, com perfil recto de arestas boleadas, medindo 0,25m de diâmetro. Junto ao arranque da parte superior oferece duas caneluras, bem marcadas, sendo a mais elevada, larga e espessa, decorada com motivos florais estilizados. Estes motivos foram impressos com uma matriz rectangular, com cerca de 0,03m de comprimento, e que, devido à fractura da peça, não pudemos identificar convenientemente.

SILV. 1-128 (fig. 8). Fragmento, com porção do bordo, de um queimador hexagonal, medindo cerca de 0,40m de Ø, fabricado com pasta de cor castanha alaranjada (2.5YR6/6) com núcleo mais escuro (7.5YR6/6), pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a grosseiro.

A parede mede 0,022m de espessura máxima sendo as superfícies, interna e superior, bem afagadas, decoradas com impressões, e apresentando esmalte espesso de cor verde esmeralda.

A superfície externa é mal regularizada e mostra engobe denso de cor bege amarelada (2.5Y8/4).

O fragmento contém cerca de metade da parede de um dos seis lados da peça. Apresenta bordo plano com mais de 0,025m de largura. Reconhecem-se restos de um arco, aberto na superfície da parede interior, e três impressões que representam uma teoria de arcos, polilobulados, completados por traços incisos, verticais e profundos. Sobre os arcos vê-se, ainda, impressões que parecem representar uma corda, ou entrançado, ajudando a reproduzir um motivo arquitectural muito característico da decoração da cerâmica almoada. Sobre o bordo observam-se os restos de três impressões reproduzindo, aparentemente, motivos leteriformes.

Esta peça foi recolhida nos interstícios dos degraus do segundo lance da escadaria que envolve o poço-cisterna.

SILV. 1-129 (fig. 9). Fragmento da parede de uma grande vasilha, ou talha, fabricada com pasta de cor castanha clara (5YR6/6), pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, feldspáticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a grosseiro. Mede 0,027m de espessura máxima, sendo as superfícies regularizadas e oferecendo engobe de cor castanha clara alaranjada (10R5/6). A superfície externa mostra restos de dois cordões, paralelos e horizontais, com 0,012m de largura, decorados pelas impressões ligeiras de dedos e afastados cerca de 0,06m. Na parte superior do fragmento, sobrepondo um destes cordões, reconhece-se o resto de uma estampilha de forma circular, com 0,03m de Ø, representando um motivo floral estilizado.

3. ALGUNS PARALELOS E ATRIBUIÇÃO CULTURAL

3.1. Apesar da reduzida dimensão dos fragmentos estampilhados, recolhidos no poço-cisterna de Silves, podemos atribuir sete deles a grandes jarras ou talhas (**tinajas**), algumas com cerca de 1m de altura, de paredes espessas, destinadas ao uso doméstico ou indus-

trial. Quatro destas peças teriam ambas as superfícies bem regularizadas e parte da exterior vidrada, com espesso esmalte de cor verde próprio do óxido de cobre cozido em ambiente oxidante, sendo decoradas pela estampilhagem de grandes matrizes constituindo bandas horizontais. Uma delas mostra bandas esmaltadas em dois tons de verde, turquesa e esmeralda, assim como uma rara decoração zoomórfica **(fig. 10-2)**. Três outros fragmentos não apresentavam quaisquer das superfícies esmaltadas, oferecendo pastas pouco depuradas, contendo elementos não plásticos de grão gosseiro. Sobre as superfícies, mal regularizadas, reconhecem-se estampilhas, sobretudo de forma circular, dispostas descordenadamente e num deles vê-se, também, os restos de um cordão ondulado.

Encontraram-se dois fragmentos de uma vasilha, fabricada com pasta de cor clara bem depurada, revelando, na metade superior da superfície externa, uma decoração estampilhada, com teoria de quadrados, esmaltada de cor verde escura. A metade inferior desta peça não é esmaltada apresentando, no entanto, decoração estampilhada.

Outro dos fragmentos recolhidos pertencia a um suporte de talha, de forma circular, e foi fabricado com pasta mal depurada; as superfícies não são esmaltadas, o acabamento é fruste e reconhecem-se os restos de um friso estampilhado.

Um fragmento vidrado de cor castanha de óxido de ferro, ou melado, e outro esmaltado de cor branca, fabricados com pastas homogéneas e compactas, pertenciam a taças fundas e largas (**ataifores**). Oferecem restos de uma cartela circular, que demarcava o interior do fundo, decorada por pequenas estampilhas, num caso em forma de gota ou de bolbo e no outro de círculo raiado no interior. Como referimos, um dos fragmentos contém, ainda, porção do pé, destacado, em forma de anel.

Também descrevemos um fragmento que, segundo nos parece, terá pertencido a um queimador, ou perfumador, de forma hexagonal, decorado com motivos arquitectónicos e epigráficos, esmaltado de cor verde intensa.

3.2. A peça que primeiramente referimos é a mais interessante deste

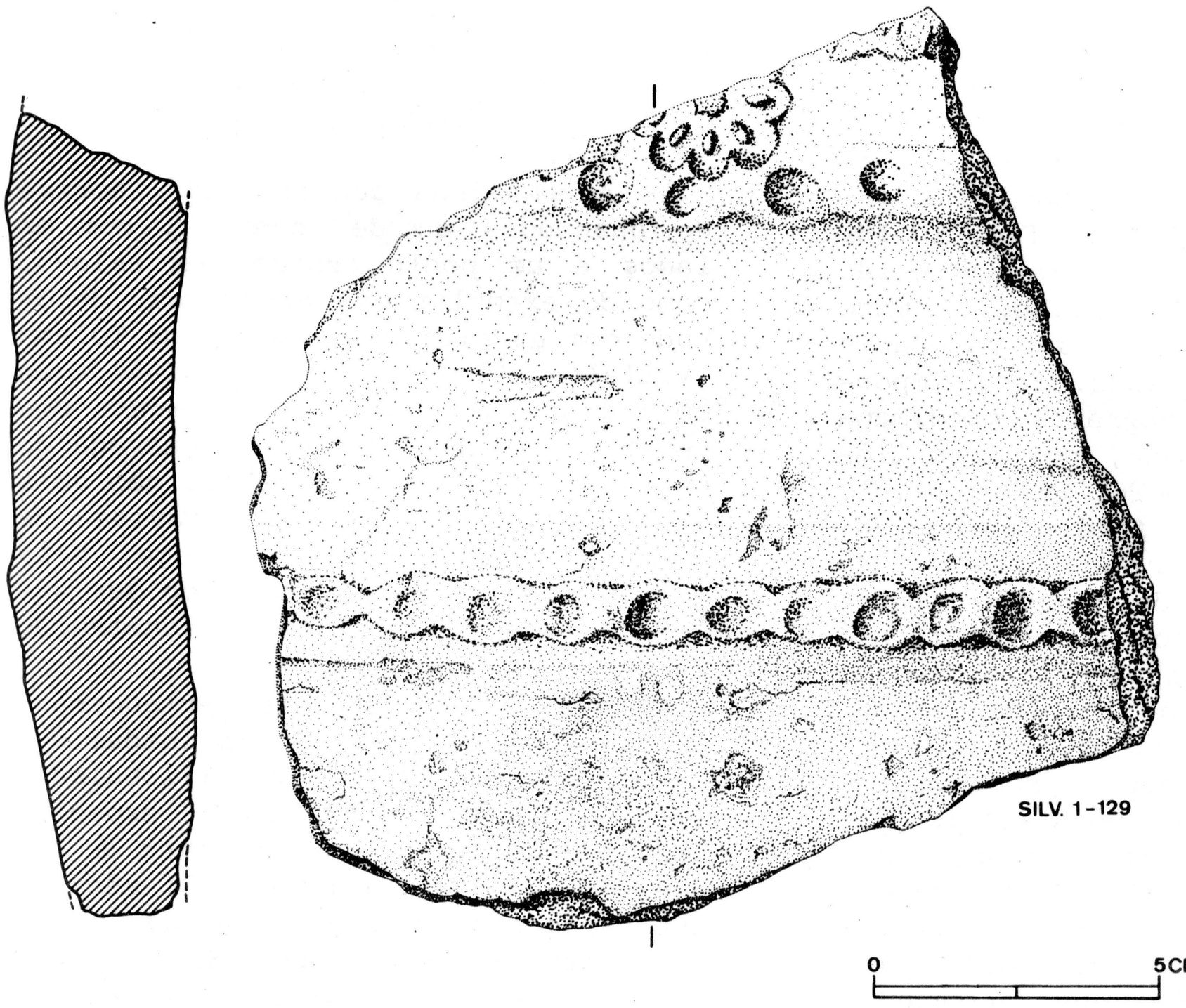


Fig. 9
Fragmentos de talha, estampilhada, do poço-cisterna de Silves

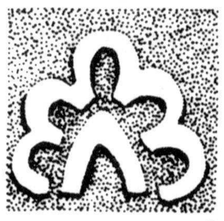
conjunto, não só pela sua raridade temática como pelo uso de diferentes técnicas decorativas, possibilitando conclusões de ordem cronológica e cultural. Referimos, anteriormente, a combinação que este fragmento oferece entre estampilhagem, por matriz individual e por rolete, incisão e esmalte bicromático. Um dos motivos representados é a espiral, de carácter fitomórfico **(fig. 10-5)**, que, embora muito destruída, permite estreitos paralelos com estampilhas encontradas em talhas do Museu Arqueológico de Sevilha **(fig. 10-24)**, da Alcáçova de Almería ou de Santa Catalina de Sena (Maiorca) **(fig. 10-16)** (Rosselló-Bordoy, 1978a, 87,88, fig. 24; Fernández e Porres 1982, 461,466, fig. 3-16). A segunda faixa estampilhada, mostrando felinos afrontados, não encontra, nas matrizes que conhecemos, paralelos directos embora a possamos aproximar de outras raras representações zoomórficas impressas em talhas. O paralelo mais interessante é, sem dúvida, o que nos oferece a decoração da grande talha de Santa Catalina de Sena onde também pudemos descobrir, como referimos, semelhanças para a outra estampilha do fragmento de Silves **(fig. 10-19)** (Rosselló-Bordoy, 1978, 15, 23-26; 1978a, 80,81,87,88, fig. 24). O friso zoomórfico daquela peça, ricamente decorada com bandas alternadas de motivos florais, geométricos, uma banda pseudoepigrafada **nasjí** e com **verdugones** sobre o colo, **(fig. 10-16, 17, 18)** é constituído pela impressão múltipla de uma estampilha, medindo 0,04mx0,09m, que mostra duas gazelas e dois felinos afrontados. Esta importante peça da iconografia muçulmana peninsular foi datada, por Rosselló-Bordoy (1978, 15,23-26; 1978a, 80,81, 87; 1980, 306), dos finais do período almorávida, ou dos primeiros tempos da dominação almoada de Maiorca (1203-1229); atendendo aos aspectos técnicos (**verdugones**), epigráficos, e ao facto de que seriam proibidas as representações zoomórficas, no momento de renovação da pureza corânica, por aqueles guerreiros norte-africanos. Esta cronologia condiz, aliás, com a proposta por Dorothea Duda para o fragmento da Alcáçova de Almería que oferece uma estampilha com dupla espiral, semelhante às que acompanham tanto a banda com felinos do fragmento de Silves como a de Santa Catalina de Sena **(fig. 10-16)**, datada da época almorávida-almoada (Duda, 1972; Fernández e Porres,1982, 461). Uma talha decorada com figuras de veados, inscritas em cartelas circulares alternando com flores estilizadas e letreiros **nasjí** estampilhados, do Museu de Córdova (Jener, 1948-49, 228) deve ser igualmente atribuída aos finais do séc. XII ou aos inícios do séc. XIII. A este mesmo período poderá pertencer uma outra talha estampilhada, com gazelas muito estilizadas, do Museu Arqueológico de Sevilha (Fernández e Porres, 1982, fig. 3-20); um fragmento de Toledo que apresenta grandes matrizes, medindo 0,13mx0,07m, mostrando gazelas afrontadas com os pescoços cruzados sob um friso de quadrados, unidos pelos vértices mas com os lados e um ponto central em relevo (Villalba, 1985, 71, est. XXXII-A), assim como outro fragmento de talha, da Alcáçova de Almería, que ofereceu estampilhas zoomórficas e arcos polilobulados (Llubiá, 1967, 77, fig. 101). A temática zoomórfica, rara nos contextos artísticos muçulmanos, será, posteriormente, desenvolvida nas decorações mudéjares onde se recorre, por vezes, a figurações híbridas, talvez como consequência de um novo influxo orientalizante (Maldonado, 1981a, 160, 163-165).

As estampilhas constituindo teorias de quadrados ou de losangos, com os lados e um ponto central em relevo, como do exemplar que apontámos, decorado com gazelas,proveniente de Toledo (Villalba, 1985, 71, est. XXII-A), são um bom paralelo para o fragmento encontrado sob o patamar da entrada do poço-cisterna que, por certo, não será anterior ao período almorávida de Silves (1091-1156). Esta peça, pela posição que ocupava , terá de ser anterior ou contemporânea da construção do poço-cisterna.

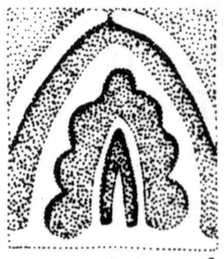
Ao período subsequente pertencerão, certamente, as peças estampilhadas com os característicos arcos polilobulados **(fig. 10-3,4)** reproduzindo aspectos arquitectónicos. Esta temática é conhecida, apenas, a partir do séc. XI encontrando-se representada na Qala'a dos Bannu Hammâd (sécs. XI-XII), de onde provem uma matriz com aquele

1

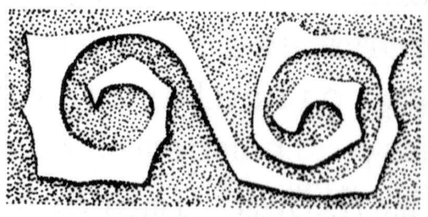
2



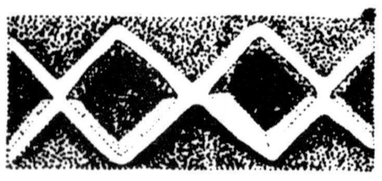
3



4



5

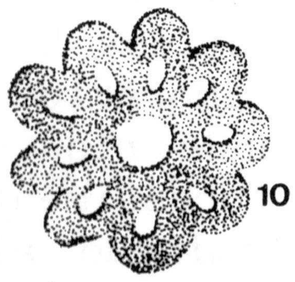


6

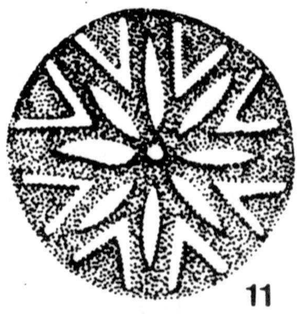
7

8

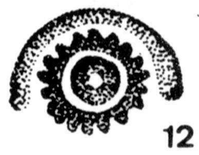
9



10



11



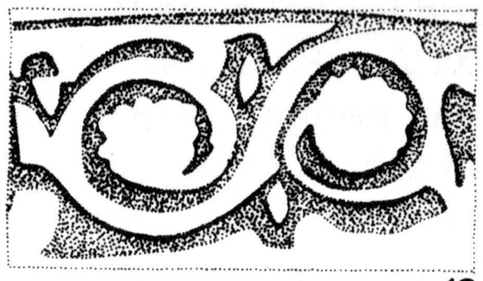
12

13

14

15

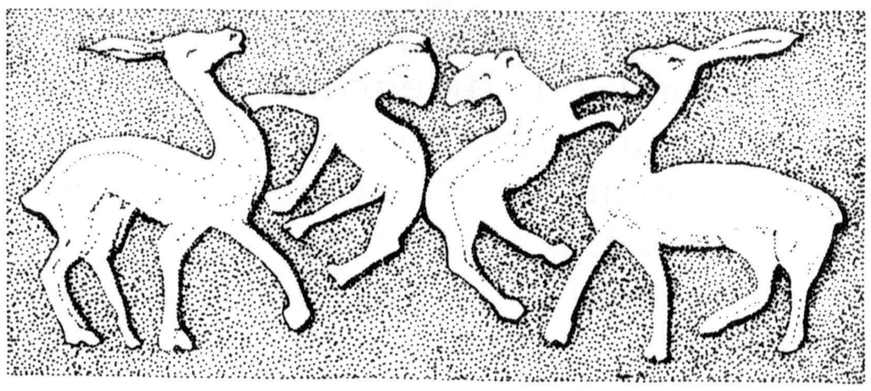
0 5CM



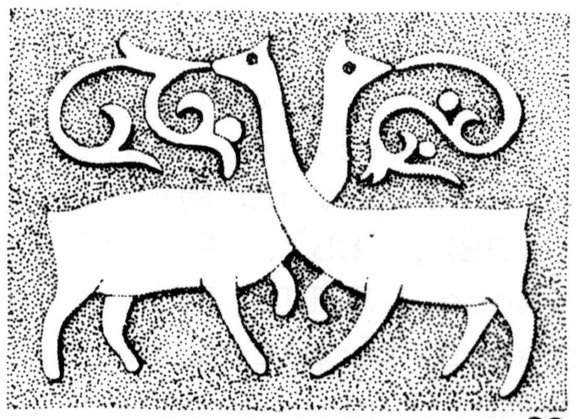
16

17

18

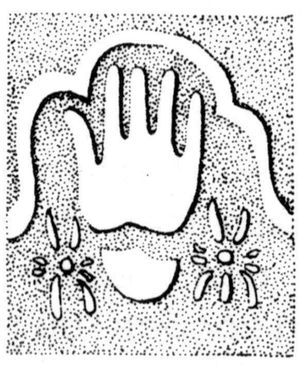


19



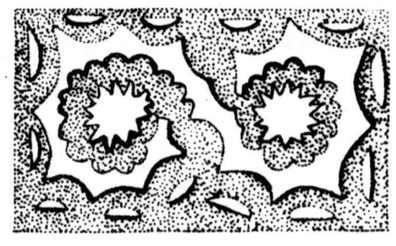
20

21

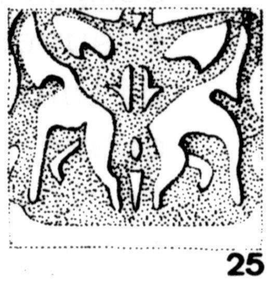


22

23



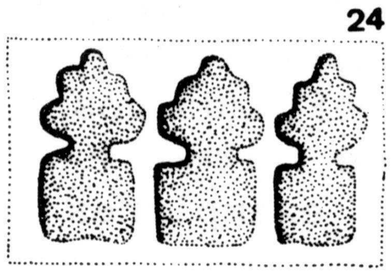
24



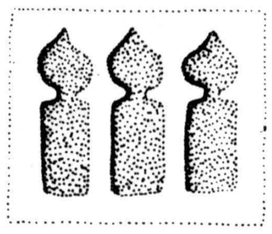
25

26

27



28



29

30

31

Fig. 10 - Estampilhas: 1-15 do poço cisterna de Silves; 16-19 de Santa Catalina de Sena, Palma de Maiorca; 20 e 23 de Toledo; 21, 22, 24-31 de Sevilha (16-19 segundo Rosselló Bordoy, 1978, 87 e 89, figs. 24 e 26; 20 seg. Villalba, 1983, est. XXXII-A; 23 seg. Escudero, 1944, 148, fig. 17-4; 21-31 seg. Fernández e Porres, 1982, 466 e 467, figs. 3-6, 7, 8, 16, 20 e 4-1, 2, 5, 6, 18).

motivo muito semelhante a outras de Jerez de La Frontera e do Museu de Huelva (Maldonado, 1981, 37, 40, fig. 17-C), e em talhas de Córdova e de Sevilha (Jener, 1948-49, 225, est. LXXXIV-4; Fernández e Porres, 1982, 467, fig. 4-1,2,3,4). Um fragmento do bocal de um poço, decorado com estampilhas representando motivos arquitectónicos e entrançados, foi datado em Belyounech, perto de Ceuta, dos finais do séc. XII (Cardenal, 1980, 243-246). As cerâmicas profusamente decoradas são bem conhecidas no mundo hispano-magrebino dos almoadas, que parecem desenvolver tradições artísticas herdadas dos fundamentalistas almorávidas, atingindo aspectos de grande riqueza estética num período de florescimento com Abu Yusuf Yacub, denominado al-Mansur (1184-1199).

Motivo recorrente que encontramos na decoração estampilhada das grandes vasilhas, almoadas e mudéjares, é a "mão de Fátima", isolada ou integrada em espaços de recorte arquitectónico, como em talhas do Museu de Sevilha **(fig. 10-21,22)** (Fernández e Porres, 1982, fig.3-6,7) ou do Museu de Toledo **(fig. 10-23)** (Escudero, 1943, 148, fig. 17-4).

Outro tema cujo uso parece dever a sua sobrevivência aos artesãos mudéjares é a teoria de losangos geminados **(fig. 10-7)**, por vezes preenchendo bandas muito largas, e que também encontrámos num pequeno fragmento do poço-cisterna. Uma talha com esta decoração faz parte das colecções do Museu de Sevilha **(fig. 10-26)** e o fragmento de outra, descoberta na Alcáçova de Almería, foi datado do período almoada-nazarí (Fernández e Porres, 1982, 466). Um fragmento, com decoração idêntica, que acompanhava outras cerâmicas estampilhadas, almoadas, provém de Qsar es-Seghir (Redman, 1980, 257, fig. 3).

Os dois fragmentos de taças carenadas, ou **ataifores**, uma com o pé em anel e oferecendo ambas o fundo decorado com pequenas estampilhas, integradas em cartelas, têm paralelos em peças descobertas, por um de nós (R.V. G.), nos níveis almoadas do Castelo de Silves (onde também foi recolhida uma abundante colecção de outras cerâmicas estampilhadas) e em fragmentos, não estratigrafados, de Mesas de Villaverde (Málaga) ou do Castelo de Gormaz (Zozaya, 1980, 267; fig. 1-a,b; 1981, 37). Estas formas, não estampilhadas mas vidradas de cor verde, têm sido datadas em Maiorca, por Rosselló-Bordoy (1980, 305), do período almorávida-almoada. Uma estampilha em forma de bolbo, semelhante à usada num dos ataifores de Silves, foi igualmente empregue na decoração de uma pequena talha de Toledo, possivelmente, ainda do período almoada (Villalba, 1985, 70, est. XXXI-B).

Os fragmentos de talhas, não vidradas e fabricadas com pastas mal depuradas, dois com cordões, em relevo, e pequenas estampilhas circulares e o outro com estampilhas, também circulares, de várias dimensões impressas sem ordem aparente, oferecem características comuns às produções mudéjares que atingem o séc. XIV. Existem bons paralelos para estas peças tanto em fragmentos como em talhas completas de Toledo, de Sevilha ou de Córdova onde, por vezes, também se associam os cordões em relevo, as incisões, as dedadas, e a estampilhagem (Escudero, 1943; Gener, 1948-49, 231,232, figs. 99 e 100; Fernández e Porres, 1982, 467, fig. 4-6,7,8,18; Villalba, 1985, est. XXX-B). A este período pode, certamente, pertencer o fragmento de suporte de talha, com acabamento fruste, não vidrado, e decoração muito simples, congénere de peças do Museu de Sevilha (Alonso, 1982, 85). É próprio deste momento (sécs. XIII-XIV) a decadência dos processos técnicos de fabrico das peças estampilhadas apresentando, como vimos, pastas mal depuradas, pouco compactas, de cor vermelha ou cinzenta e superfícies mal alisadas. São estampilhas com motivos muito simples, quase sempre geométricos, aplicadas em recipientes raramente vidrados, tentando preencher, desordenadamente, o vazio das superfícies; perdendo-se a qualidade, o refinado gosto ornamental, o sentido de ritmo e o equilíbrio estético dos exemplares dos períodos precedentes.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, D.O. - 1982 - Aproximacion a la ceramica mudejar sevillana y sus relaciones con otros centros alfareros contemporaneos, **Actas del II Simposio Internacional de Mudejarismo: Arte**, pp. 81-85, Teruel

CARDENAL, M.G. - 1980 - Recherches sur la céramique médiévale marocaine, **La céramique médiévale en Méditerranée Occidentale, Xe. - XVe. siècles**, Valbonne 1978, pp. 227-249, Paris

DUDA, D. - 1972 - Die frühe spanisch - islamische Keramik von Almería, **Madrider Mitteilungen** vol. 13, pp. 345-432, ests. 67-92

ESCUDERO, M.L.H. - 1943 - Las tinajas mudejares del Museo de Toledo. Intento de sistematización, **Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales**, vol. IV, pp. 146-155, ests. XL-XLIV

FERNÁNDEZ, J.A.S. e PORRES, M.G.L.V. - 1982 - Tinajas Mudéjares del Museo Arqueológico de Sevilla: Tipología y Decoración, **En Homenaje a Conchita Fernandez Chicarro**, pp. 457-470

GOMES, R.V. e GOMES, M.V. - 1984 - Cerámicas importadas, dos séculos XV e XVI, encontradas no poço-cisterna árabe de Silves, **Actas do 3º Congresso sobre o Algarve**, vol. I, pp. 35-44, Lisboa

JENER, S.S. - 1948-49 - Estampillas de alfarerías moriscas cordobesas, **Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales**, vols. IX-X, pp. 220-232, ests. LXXXII-LXXXIV

LIVRO DO ALMOXARIFADO DE SILVES (séc. XV) - Edição da Câmara Municipal de Silves (1984), 151 pp., 2 ests., Lisboa

LLUBIA, L.M. - 1967 - **Cerámica medieval española**, Colección Labor, 195 pp., 294 figs., Barcelona

MALDONADO, B.P. - 1981 - **Jerez de La Frontera Ciudad Medieval - Arte islamico y mudejar**, Associacion Española de Orientalistas, 40 pp., 18 figs., XX ests., Burgos

MALDONADO, B.P. - 1981a - **El arte hispano-musulmán en su decoración floral**, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 197 pp., 629 figs., XXX ests., Madrid

REDMAN, C.L. - 1980 - Late medieval ceramics from Qsar es-Seghir, **La céramique médiévale en Méditerranée Occidentale, Xe. - XVe. siècles**, Valbonne 1978, pp. 251-263, Paris

ROSSELLÓ-BORDOY, G. - 1978 - **Decoracion zoomorfica en Las Islas Orientales de Al-Andalus**, Ediciones Cort, 68 pp., 53 figs., 16 ests., Palma de Mallorca

ROSSELLÓ-BORDOY, G. - 1978a - **Ensayo de sistematizacion de la ceramica arabe en Mallorca**, Diputacion Provincial de Baleares, 352 pp., 83 figs., 12 ests., Palma de Mallorca

ROSSELLÓ-BORDOY, G. - 1980 - La céramique arabe à Majorque (Problèmes chronologiques), **La céramique médiévale en Mediterranée Occidentale, Xe. - XVe. siècles**, Valbonne 1978, pp. 297-315, Paris

VILLALBA, J.A. - 1983 - **La ceramica hispanomusulmana de Toledo**, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 88 pp., XXXII ests., Madrid

ZOZAYA, J. - 1980 - Aperçu général sur la céramique espagnole, **La céramique médiévale en Méditerranée Occidentale, Xe. - XVe. siècles**, Valbonne 1978, pp. 265-296, Paris

ZOZAYA, J. - 1981 - Cerámica Andalusí, **Cerámica esmaltada española**, Ed. Labor, pp. 37-50, Barcelona

NOTA

* O código que identifica as peças refere o seu local de proveniência (SILV.1) e o número de ordem do inventário geral dos objectos ali encontrados. Os índices cromáticos referem-se às MUNSELL SOIL COLOR CHARTS e, como tal, devem-se considerar aproximados.
Os desenhos das peças que ilustram este trabalho são da autoria de Margarida Carmo.